

# SÃOS & SAUVOS

Depois de mais de 2 mil km de estrada e selva, Igor, Vitor e Osvaldo até conseguem rir dos apertos da viagem

SILVIA CARONE  
Da Reportagem Local

Cansados e felizes, eles estão de volta à civilização e têm muitas histórias para contar. Depois de nada menos que 51 dias pedalando pela Transamazônica (ou pelo que restou dela), Vitor, Igor e Osvaldo contaram um pouco do que foi entrar no meio da selva e conviver com o abandono das pessoas que vivem por lá e com as feras da floresta. Apesar de Osvaldo ter contraído malária, eles voltaram inteiros — só um pouco arranhados de mata. Leia a seguir os melhores trechos da entrevista.

**Folha - Por que vocês quiseram fazer essa viagem?**

**Vitor Negrete** - A idéia era desmistificar a Amazônia. Aqui existe um senso comum sobre a Amazônia que não tem nada a ver com o que acontece lá.

**Osvaldo Martins** - Eles foram, ao pé da letra, abandonados. Eles nem se consideram brasileiros. Achavam que a gente era gringo, mesmo que a gente falasse português.

**Igor Walter** - Eles falam que o Brasil começa em Marabá.

**Vitor** - Dentro desse quadro todo, a gente achou que a estrada ia estar até muito pior do que estava. A gente ficou até entediado, por que no começo era uma estrada mesmo.

**Osvaldo** - Eu falava "pô, a gente veio em busca de aventura", e no primeiro trecho era só esforço físico, mais nada. Muita ladeira, não existia plano. Aliás, 80% dos palavrões que eu falei foi entre Marabá e Altamira, por causa das subidas. E era cheio de buracos. Fora as pontes. Você vinha no pau da descida, e se não acertasse a ponte no final era queda, dolantina.

**Folha - Dolantina?**

**Osvaldo** - É um derivado de morfina que a gente levou pra se por acaso alguém não acertasse a ponte (risos).

**Folha - Como foi na aldeia dos Araras?**

**Osvaldo** - A gente passou três dias lá, com duas famílias: a do Aktô e a do Pé-de-Pato. Ele tem esse nome por causa do formato do pé, parece mesmo um pé-de-pato. Os nomes são assim, conforme alguma característica física, de personalidade. A filha do Aktô dele tem dois nomes, um quer dizer "bochecha" e o outro "dente". É a Terê. No segundo dia, a gente foi caçar macaco. Ainda bem que a gente escapou de comer.

**Igor** - Eu queria ter comido.

**Folha - Que perigos vocês tiveram que enfrentar?**

**Osvaldo** - Bom, os bichos eram surreais. Tem o macaco hematófago, conhecido como "gogó de sogra", que ataca as pessoas na jugular ou no calcanhar e adeus. Tem a cobra voadora, uma espécie de borboleta gigante com uma cabeça que parece de cobra. Ela tem um ferrão no meio do corpo. Se ela espeta o ferrão numa árvore — ela é cega —, a árvore seca em horas. Tem um peixe que adora orifícios humanos. Ele entra e destrói o que vê pela frente.

**NO MEIO DA SELVA, A GENTE DORMIA OUVINDO BARULHO DE BOEING NO CÉU E ONÇA NO CHÃO**

**Folha - Vocês não brigaram?**

**Vitor** - A gente discutia um pouco, só.

**Igor** - Principalmente eu e o Osvaldo.

**Osvaldo** - A gente discutia por tudo. Não tinha nada pra fazer, né? Tinha umas horas de mau-humor também. Depois de Itaituba a estrada some, não tem nada. A gente tem que cortar o mato com facão para passar. Quando chegamos na beira de um rio, eu ajoelhei e falei: "Juro por Deus que nunca mais entro numa roubada dessas". Os três juraram.

**Folha - E outras roubadas?**

**Osvaldo** - Nesse trecho, a gente pegou um barco para descer por um igarapé. O cara que nos levou, um garimpeiro chamado Boca de Ouro, garantiu que depois dali a estrada seria boa. Quando a gente desceu do barco e olhou era só mato. Ele mentiu só pelo dinheiro do frete. O Boca veio com uma conversa de que estava com dor de estômago e precisava voltar. Ele pediu um remédio. Não tive dúvida: dei três Dalmadorm (remédio para dormir) para ele. Foi a minha vingança.

**Folha - A viagem foi dura nesse pedaço, então.**

**Osvaldo** - Foi. A gente andava no máximo a 2 km/h. No fim do dia, a gente não podia dormir no chão, nem perto dele, por causa das onças. Tinha que construir o mutá, a pelo menos 4m de altura.

**Folha - Quanto tempo demorava?**

**Osvaldo** - Um dia e meio. A gente tinha que cortar uma árvore com um facão, cortar o tronco em pedaços, buscar cipó no mato e aí começar a armar. Um dia a gente quis deixar mais baixo. A rede ia ficar só a uns 3m de altura. Eu falei: "Bom, pessoal, acho que assim já dá, a onça não chega aqui". Foi só falar e, do outro lado do rio, veio um berro da onça: "uaaaaaaaarrrrr!". Nesse dia a gente dormiu a uns 10m de altura. Nesse ponto, a gente já estava psicologicamente debilhado. E ali é rota dos aviões que vão para os Estados Unidos. Era barulho de Boeing por cima e rugido de onça do lado...

**Folha - Quem era o mais mal-humorado?**

**Osvaldo** - Eu.

**Vitor** - E a gente tinha vários apelidos. O Igor era o Polly, de Pollyana, porque era o mais bonzinho. O do Osvaldo era Orelha Seca, que é como eles chamam os peões.

**Osvaldo** - O seu era Clamídia.

**Folha - Nessa parte da viagem vocês mais carregavam a bicicleta que pedalavam.**

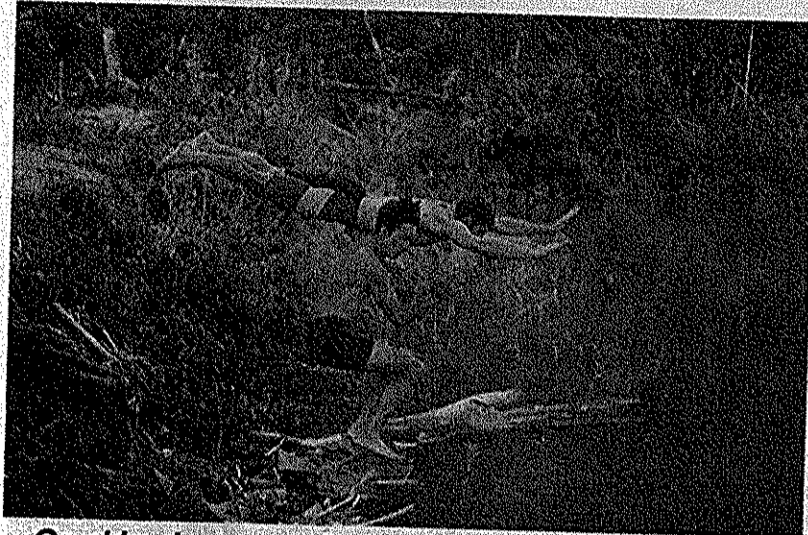
**Osvaldo** - O tempo todo. E ainda por cima as árvores caem e você tem que passar por cima. Imagina: suando como se estivesse numa sauna, o mato cortando, as formigas picando e aquele peso todo para carregar, com a bicicleta enroscando no mato. Era o palco da desgraça.

**Folha - E a chegada?**

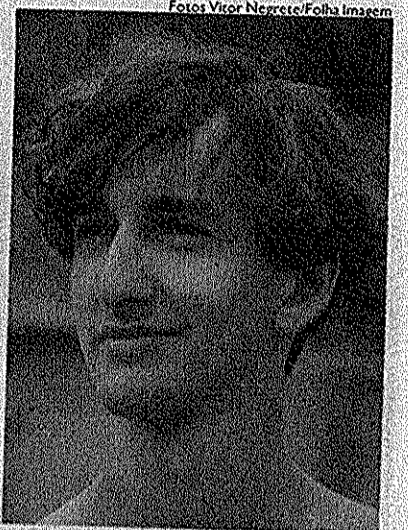
**Vitor** - A gente chegou em Lábrea e foi preso. Confundiram a gente com uns traficantes de cocaína. Só soltaram logo por causa da carta de recomendação do Exército.

**Osvaldo** - E de lá pegamos um monomotor até Porto Velho. Foi inacreditável. A gente entrou e a porta do avião nem fechava. Ele chegou na cabeceira da pista, se benzeu e foi. No meio da pista o avião só balançava e não subia. Ele falou: "Joga o corpo pra frente, senão não vai decolar". Esse piloto já tinha caído duas vezes. Ele tem epilepsia, e às vezes desencana de tomar o remédio, toma umas pingas e tem ataque no ar. A gente chegou em Porto Velho no Aeroclube, em cima da hora de ir para o aeroporto. Subimos nas bikes e fomos no maior pau até lá, para pegar o avião e voltar para São Paulo.

Igor, Vitor e Osvaldo viajaram com o apoio da Folha. Edição de Arte/Folha Imagem



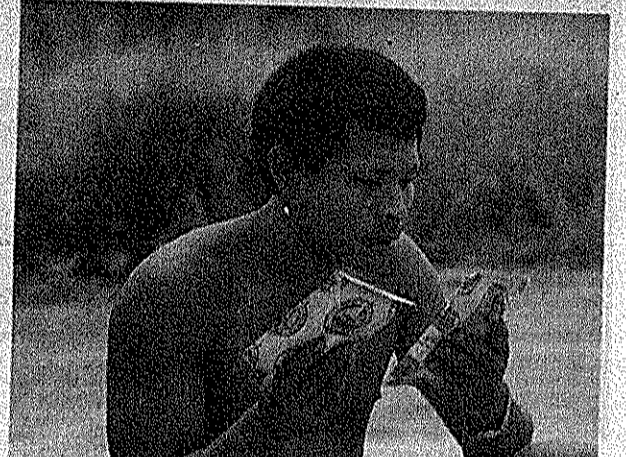
Osvaldo e Igor mergulham num dos vários rios da região



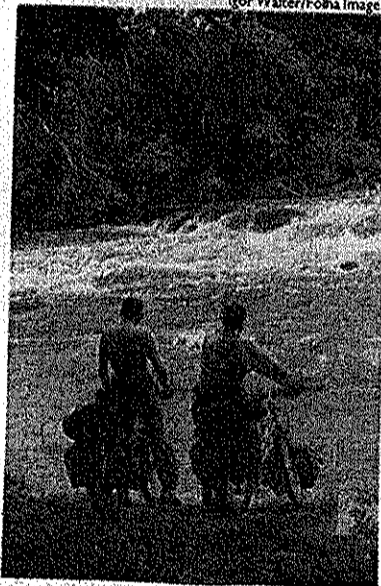
Igor na aldeia dos arara



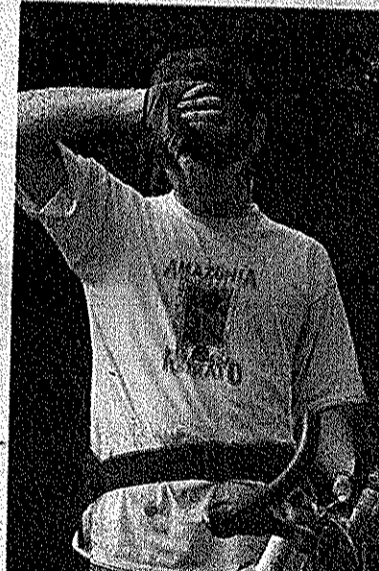
Vitor mata a sede em pausa para descanso



Índio tenta decifrar alimento liofilizado



A beira do rio com as bikes



Osvaldo tira suor da testa



Pegadas de onça pintada

VEJA COMO FOI A VIAGEM

